

Um fenômeno chamado orixá e a intolerância religiosa

» HENRIQUE ARAÚJO DA SILVA

Filósofo, teólogo e pedagogo, é gestor do Instituto Sartre, sacerdote do culto de Ifá e Orixá, escritor, cantor e compositor

Cada dia mais os noticiários e redes sociais trazem informações sobre a violência e suas multifaces. Um tipo específico de violência vem aumentando drasticamente, apesar dos avanços da democracia — a intolerância religiosa. Essa consiste em agressão verbal e física contra praticantes de religiões de matriz africana. Preciso fazer o grifo de que estas manifestações religiosas africanas estão divididas por linguagem e expressões diferenciadas, o que recebe o nome de nação. O termo orixás pode ser traduzido por guardião da cabeça, ou simplesmente por ancestral divinizado. Esses ancestrais acredita-se que foram os primeiros habitantes ou primeiros líderes de etnias ligadas diretamente à família do criador do mundo, Olodumare.

O povo yoruba e os afro-brasileiros prestam culto a eles, nas mais variadas formas como culto de egungun, minkisi, caboclos, voduns, umbanda, jurema, candomblé angola, ketu e outros, porque eles adquiriram o que chamamos de iwá pele que significa bom caráter, ou seja, o Orisá é um sujeito que foi divinizado porque na Terra foi dotado de bom caráter, caráter este excepcional, fazendo com que a sua descendência e a sua comunidade o venerassem por entender que nele havia de fato algo a ser copiado.

Não muito diferente disso, o modelo cristão católico reconhece por feitos e comportamentos maravilhosos os seus santos, e a eles devotam templos, festas e devoções. Os cristãos protestantes também devotam cultos a Jesus, e um culto especial aos textos judaicos e

textos cristãos denominado Bíblia, e há ainda uma devoção especial ao Espírito Santo, como sendo o agente que transmite a força de Deus para os homens.

Fiz esse pequeno paralelo porque, por força da colonização, fica mais fácil a compreensão a partir desse comparativo. Cultuar o Orisá nada mais é do que referenciar aqueles que a partir de seu modelo tradicional tiveram feitos bons e ajudaram tanto em vida quanto espiritualmente os seus. Na história da formação do nosso povo, as culturas africanas foram alvo de preconceito. E acreditamos que o preconceito começa ainda em África. No século 14, período da expansão marítima, os papas Nicolau V e Alexandre VI passam a orientar o tratamento que deveria ser dado aos povos subjugados por meio das bulas Romano Pontifex e Inter Coetera e aliado a isso a inauguração do sincretismo religioso do orixá Exu, que para os iorubás é a divindade responsável pela comunicação, ao diabo cristão.

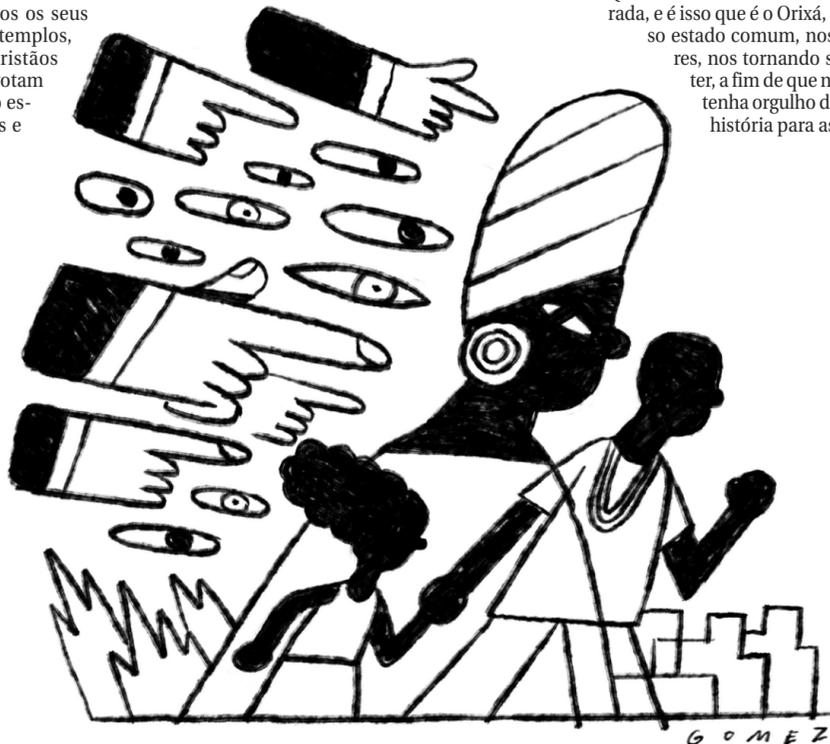
Os primeiros europeus que tiveram contato na África com o culto do orixá Exu dos iorubás, venerado pelos fons como o vodum Legba ou Elegbara, atribuíram a essa divindade uma dupla identidade: a do deus fálico greco-romano Priapo e a do diabo dos judeus

e cristãos. A primeira por causa dos altares, representações materiais e símbolos fálicos do orixá-vodum; a segunda em razão de suas atribuições específicas no panteão dos orixás e voduns e suas qualificações morais narradas pela mitologia, que o mostra como um orixá que contraria as regras mais gerais de conduta aceitas socialmente, conquanto não sejam conhecidos mitos de Exu que o identifiquem com o diabo.

Atribuições e caráter que os recém-chegados cristãos não podiam conceber, enxergar sem o viés etnocêntrico e muito menos aceitar (Prandi, 2001, p. 38). É necessário esclarecer que a intolerância religiosa é fruto de uma semente plantada muito tempo atrás nas nossas mentes e que só conhecendo o conceito da religiosidade para os povos africanos é que venceremos a barreira da ignorância e do medo que ceiravam o imaginário coletivo.

É importante dizer que a melhor maneira de mantermos o que sobrou de África em nós é por meio do culto aos Orisás e da preservação das manifestações culturais que estão tão presentes na música, no vestuário e na culinária, pois essas manifestações culturais são oriundas do culto aos orixás que nada mais é do que uma memória aos nossos ancestrais.

Cultuar o Orisá é uma busca contínua por uma identidade, e uma evolução espiritual. Quem sente o axé com certeza tem a vida alterada, e é isso que é o Orixá, a alteração de nosso estado comum, nos tornando melhores, nos tornando seres de bom caráter, a fim de que nossa descendência tenha orgulho de nós e conte nossa história para as futuras gerações.



Tout ça pour ça?

» JOSÉ HORTA MANZANO
Empresário e blogueiro

“Tout ça pour ça” é uma expressão que os franceses utilizam para indicar que um grande esforço deu resultado pífio. Tudo isso pra isso? Bolsonaro botava fé na ida à Inglaterra para o funeral de Elizabeth II. Assim que a nota de falecimento chegou, postou na rede um texto enigmático em que elogiava a falecida e explicava: “porque não foi apenas a rainha dos britânicos, mas uma rainha para todos nós”. O sentido da frase não ficou claro. De que maneira teria ela sido uma rainha para todos nós? Talvez fosse apenas uma tentativa canhestra de saudar uma personalidade importante. Quase todo o mundo tinha simpatia pela rainha da Inglaterra; de lá a considerá-la “nossa rainha”, há uma boa distância. Ficou esquisito.

Seu comitê de campanha julgou que estar presente na cerimônia fúnebre seria ótima oportunidade para dar ao bom povo a ilusão de ter um presidente influente, aceito nos altos círculos da governança planetária, enfrontado com os grandes deste mundo. O decreto de luto acional de três dias saiu rápido, em edição extra do Diário Oficial. Note-se que o Brasil não é integrante do Commonwealth e que Bolsonaro, diferentemente de Lula, FHC e Dilma, nunca se encontrou com a rainha.

Ficou a incômoda impressão de que o luto decretado tinha um fundo interesseiro. O presidente pareceu estar pedindo para ser convidado para o funeral. Até os ladrilhos da Abadia

de Westminster sabiam que nem todos os dirigentes do planeta seriam convidados. Sabia-se que ninguém que pudesse criar constrangimento receberia convite. Mas... e Bolsonaro? Ele já criou caso com tanta gente! Charles III é fervoroso militante da causa climática, enquanto nosso presidente milita pelo fim da floresta amazônica. É lícito crer que foi o receio de não ser convidado que impeliu o capitão a ser tão obsequioso.

Deu certo. O convite veio, com direito a cumprimentar o rei. O soberano não concedeu mais que um minutinho a cada dirigente estrangeiro, mas o importante é que Bolsonaro conseguiu ser retratado ao lado dele. Na foto, o capitão parece sorridente demais para um encontro com quem acabava de perder a mãe. Deu tapinha no ombro do rei, numa intimidade inusitada, gesto lesa-majestade. Mas a foto saiu. Vai ajudar na eleição da semana que vem? Que acredite quem quiser.

Bolsonaro pernitoou na residência de nosso embaixador. Ruidosa recepção matinal defronte à sacada o esperava, preparada por apoiadores paramentados como manda o figurino: todos de amarelo, alguns enrolados no lindo pendão da esperança. Na hora, levei um susto ao imaginar que nossos compatriotas que moram no Reino Unido fossem todos bolsonaristas. Por ingenuidade ou malícia, o capitão pareceu achar a mesma coisa. Tanto é que, sentindo-se elevado às nuvens, fez discurso de improviso. Inflamado, acusou antecipadamente o TSE de

fraude caso ele não vença no primeiro turno.

Após reflexão, percebi que minha primeira impressão estava errada. Nós, brasileiros do exterior, não lemos todos pela mesma cartilha. Aqueles que vociferaram na tranquila manhã londrina, em pleno período de luto e recolhimento nacional, não eram representativos da colônia brasileira. É que os não bolsonaristas — lulistas, ciristas, tebetistas, abstencionistas — aproveitaram o feriado para dormir até mais tarde. Jam lá se expor à violência gratuita de devotos ensandecidos? Ainda não enlouqueceram.

Dois dias depois, no discurso de abertura dos trabalhos na ONU, o capitão teve grande oportunidade de redimir-se. Mas subiu ao púlpito e não decepcionou: leu um texto com algumas platitudes e muitas inverdades. Descreveu um Brasil de folheto turístico, de deixar o País das Maravilhas com inveja. Achei até que, ao final da fala, a plateia se fosse levantar em peso para precipitar-se ao consulado do Brasil para solicitar um visto de permanência. Conhecendo o capitão, ninguém se levantou.

Ao fim e ao cabo, Bolsonaro perdeu excelente oportunidade de dar uma trégua aos eleitores que pretende conquistar. Desaparecer do cenário por alguns dias teria sido bom para sua campanha, visto que não proferiria as habituais ofensas que freiam sua subida nas pesquisas. Só que, mesmo no exterior, ele persistiu em deteriorar a própria imagem. Foi jogo de resultado zero. Tout ça pour ça.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Napoleão de hospício

Nenhum homem é uma ilha, ensinava Thomas Morus (1478-1535), humanista e autor da obra *Utopia*. Do mesmo modo, pode-se inferir que nenhum país é também uma ilha, no sentido de estar apartado e exilado do resto do mundo. O contexto atual de forte globalização e interdependência força muitos países a se unirem em blocos ou mercados comuns, visando não só à complementaridade de suas economias, mas, sobretudo, à união de forças políticas para uma relação mais equilibrada com outras nações. Desse modo, torna-se explícito que o isolamento de um país, na forma como vemos, por exemplo, na Coreia do Norte ou em Cuba, é extremamente prejudicial ao pleno desenvolvimento humano daquelas populações.

Acreditar que os conflitos que ocorrem a milhares de quilômetros daqui não trarão reflexos imediatos e deletérios para os brasileiros é pura ilusão. Antigamente, dizia-se, com razão, que se os Estados Unidos espirrassem, o Brasil, por sua dependência, teria uma pneumonia. Se o início do conflito entre Rússia e Ucrânia, quando se acreditava que essa seria uma guerra curta e fácil para o poderio militar russo, trouxe complicações para a importação de produtos, como corretivos agrícolas para nossa lavoura, o prolongamento dessa luta, sua intensificação e o perigo iminente dela vir a atrair novos protagonistas, alastrando seus efeitos maléficos para uma generalização mundial, são altos e reais.

Num mundo globalizado, o perigo de uma guerra ganhar dimensões planetárias é também considerável, ainda mais quando uma das partes desse conflito, por sua posição mais realista e diante de um impasse nessa guerra, ameaça outros países com o emprego de armas de destruição em massa. Peritos e estrategistas, nesses jogos de guerra, em todo o mundo, têm alertado para a possibilidade real do emprego desse tipo de armas, dizendo que os russos não estão simplesmente blefando, mas preparando o cenário para esse próximo evento. Com isso, nossos problemas, queiramos ou não, se reduzem ao tamanho de uma formiga, ante o perigo real da destruição do planeta.

Pouco podemos fazer, não apenas por nossa posição atual nas relações internacionais, conhecida como anões diplomáticos, mas pela pouca contribuição que poderemos dar para impedir que tudo vá pelos ares. Mesmo a posição do Brasil, dentro do Bloco dos Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), se torna irrelevante, pois nesse xadrez, em que a posição de peças atômicas sobre o tabuleiro é estabelecida e exclui, naturalmente, os países que não dispõem desse tipo de armamento. O perigo nessa contenda é que não haverá ganhadores nem de um lado nem de outro, uma vez que não há juiz nesse jogo capaz de impedir o avanço das peças. Organismos, como a Organização das Nações Unidas (ONU), são impotentes diante desse quadro. Fechar os olhos e os ouvidos ao que ocorre nessa parte do globo talvez sirva de consolo, embora a experiência nos ensine a não nos preocuparmos com problemas que não podemos resolver. Nesses tempos confusos, independe de nós a possibilidade de o mundo vir a virar pó sob nossos pés. Isso pode nos dar uma pequena noção do quanto somos frágeis e incapazes de controlar efeitos dessa natureza.

Os fenômenos como as mudanças climáticas, com todo o seu potencial de destruição, parecem encolher diante de uma ameaça nuclear, levada a cabo por um único homem, pequeno em estatura física como Napoleão, e tão doído quanto os napoleões de hospício.

» A frase que foi pronunciada

“Nenhum homem é uma ilha. Mas alguns são península.”

Robin Williams

Na terra

» Na última década o DDT foi proibido no Brasil. Mas pelo fato de o rastro desse agrotóxico permanecer por 30 anos, os solos brasileiros continuam sendo estudados. A Agência Internacional de Pesquisa em Câncer (Iarc) classifica o DDT no Grupo 2A — provável cancerígeno humano, com base na indução de tumores hepáticos e aumento da incidência de linfomas em animais, e em evidências limitadas de linfoma não-Hodgkin e câncer de fígado e de testículos em seres humanos. A informação é da Divisão de Toxicologia Humana e Saúde Ambiental, da Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb), agência do governo do estado de São Paulo responsável pelo controle, fiscalização, monitoramento e licenciamento de atividades geradoras de poluição.

Pés no chão

» Estudo de Rodrigo Fracalossi de Moraes mostra, em sua conclusão, que a regulação de agrotóxicos, assim como a de vários outros produtos e serviços, não é um processo politicamente neutro. Regulações adotadas por governos não resultam apenas da influência de normas e conhecimento científico, mas também do poder relativo de grupos que ganham e que perdem com a regulação. A concepção de que existe algum tipo de regulação imparcial, proposta por comissões de experts e implementada por burocratas politicamente neutros é, portanto, ilusória.

» História de Brasília

Abriam valetas para colocação de esgotos. Fecharam as valetas. Jogaram terra. Nenhuma placa indica o perigo e, a todo instante, um carro atola perigosamente. Ponham alguma indicação, por favor. (Publicada em 10/3/1962)